

REFLEXÕES GERAIS E AGÓN EM *ELECTRA* DE SÓFOCLES

ORLANDO LUIZ DE ARAÚJO

Universidade Federal do Ceará

(Brasil)

RESUMO

O propósito deste trabalho é analisar as reflexões gerais e o *agón* na *Electra*, de Sófocles. A análise da peça se baseia na teoria retórico-argumentativa, cujo argumento se define como uma declaração que legitima uma conclusão. Os objetos de investigação são os argumentos ético-patéticos e a discussão lógica das personagens presentes nos discursos de Electra e Crisótemis (vv.871-1057).

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the general reflections and Agon in Sophocles' *Electra*. The piece is analyzed based rhetoric-argumentative theory, the argument is defined as a statement that justifies a conclusion. Objects of research are ethical, pathetic and logical discussion of the characters in *Electra* and *Chrysothemis* (vv.871-1057).

RESUMEN

El propósito de este trabajo es analizar las reflexiones generales y *agón* en *Electra* de Sófocles. La pieza se analiza basada en la teoría retórico-argumentativa, cuyo argumento se define como una declaración de que legitima a una conclusión. Objetos de investigación son los argumentos

éticos, patéticos y discusión lógica de los personajes presentes en Electra y Crisótemis (vv.871-1057).

PALAVRAS- CHAVES:

Electra-Sófocles-Reflexões Gerais-Agón.

KEYWORDS:

Sophocles–*Electra*–General Reflections-Agón.

PALABRAS CLAVE:

Sófocles–*Electra*–Reflexiones generales-Agón.

As reflexões gerais funcionam como instruções que permitem ao homem antigo meditar acerca dos problemas morais e sociais que o rodeiam. Na literatura grega arcaica, tais meditações estão presentes desde Homero, mas é o poeta Hesíodo, em *Trabalhos e Dias*, que as utiliza largamente, quando entra em querela com o seu irmão Perses. Do verso 11 ao 26,¹ o poeta apresenta a alegoria

¹ Não há origem única de Lutas, mas sobre a terra duas são! Uma louvaria quem a compreendesse, condenável a outra é; em ânimo diferem ambas. Pois uma é guerra má e o combate amplia, funesta! Nenhum mortal a preza, mas por necessidade, pelos desígnios dos imortais, honram a grave Luta. A outra nasceu primeira da Noite Tenebrosa e a pôs o Cronida altirregente no éter, nas raízes da terra e para homens ela é melhor. Esta desperta até o indolente para o trabalho: pois um sente desejo de trabalho tendo visto o outro rico apressado em plantar, semear e a casa beneficiar; o vizinho inveja ao vizinho apressado atrás de riqueza; boa Luta para os homens esta é; o oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro, o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo.

das duas lutas: uma boa, outra má. À luta tradicional, acerca da qual o poeta já havia mencionado na *Teogonia* – e que é possível lermos como sendo a que promove a guerra e a discórdia –, acrescenta-se a luta que empurra o homem para o trabalho.

Primeiramente, Hesíodo apresenta, de maneira geral, o tema da luta (Ἔρις), caracterizando-a como um elemento que conduz a ação do homem, guiando-o para o bem ou para o mal. O poeta se concentra sobre a imagem da boa luta, exemplificando-a com o trabalho no campo. A peroração finaliza com uma sequência proverbial de disputas positivas entre os homens (vv.25-26), ressaltando o trabalho do oleiro (κεραμεύς), do carpinteiro (τέκτων), do mendigo (πτωχός) e do aedo (ἀοιδός).

A alegoria das duas lutas se faz em um plano geral, concebido como uma unidade ordenada como é, na perspectiva hesiódica, o mundo regido por Zeus. Nos versos subsequentes, 27 a 41,² Hesíodo, que vem aludindo às questões gerais de conduta, direciona sua queixa, diretamente ao irmão Perses. As palavras do poeta dirigidas a Perses são para que esse se desvie da Luta má e siga o caminho da boa. Para tanto, é necessário evitar os processos da *ágora* quer

(HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996).

² Ó Perses! Mete isto em teu ânimo:

a Luta malevolente teu peito do trabalho não afaste
para ouvir querelas na ágora e a elas dar ouvidos.
Pois pouco interesse há em disputas e discursos
para quem em casa abundante sustento não tem armazenado
na sua estação: o que a terra traz, o trigo de Deméter.
Fartado disto, fazer disputas e controvérsias
contra bens alheios poderias. Mas não haverá segunda vez
para assim agires. Decidamos aqui nossa disputa
com retas sentenças, que, de Zeus, são as melhores.
Já dividimos a herança e tu de muito mais te apoderando
levaste roubando e o fizeste também para seduzir reis
comedores-de-presentes, que este litígio querem julgar.
Néscios, não sabem quanto a metade vale mais que o todo
nem quanto proveito há na malva e no asfódelo.

(HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996).

esteja assistindo-os, quer promovendo-os, mas que trabalhe, a fim de adquirir o seu próprio sustento. Após dirigir-se a Perses, aconselhá-lo a como conduzir-se na vida, no intuito de evitar a Luta má e perseguir a boa, após alertá-lo a não desejar os bens alheios, o poeta passa, mais uma vez, do geral para o específico, situando o narratário do poema na querela que existe entre ele e Perses e declara o litígio que há entre os dois (vv.35-39). Por fim, como bem observa CÓRDOVA³ (2007: XXV), “un proverbio contenido en un dístico (vv.40-1) remata las expresiones de indignación del poeta referidas a los jueces “devoradores de dones”, del mismo modo como un proverbio en dístico concluía el pasaje anterior de las Luchas (vv.25-6)”.

Os primeiros quarenta versos do poema apresentam reflexões gerais que visam a oferecer ao narratário do poema, e, mais especificamente, ao irmão com quem o poeta litiga, instruções de como viver em coletividade, bem como meditar acerca da formação moral. Nesse sentido, as sentenças gerais são instrumentos eficazes de ensinamento, além de ser “le moyen le plus direct, (...), de délivrer des leçons au public”.⁴ Se o poema de Hesíodo é rico em criar preceitos gerais sobre como proceder, fazendo-os por meio de máximas e sentenças; no teatro do século V, em Atenas, assistimos a uma grande produção de tais ensinamentos.

A tragédia grega, na sua estrutura, traz reflexões sobre a condição humana e anuncia princípios universais acerca de acontecimentos que escapam, muitas vezes, ao domínio da vontade humana. Além de vaticinar verdades, as reflexões gerais podem ser vistas como peças retóricas e excelentes argumentos para justificar a ação de alguém diante do seu interlocutor, como podemos

³ HESÍODO. *Los trabajos y los días*. (Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm Mexicana) Introducción, versión rítmica y notas de Paola Vianello de Córdoba. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

⁴ CUNI, Diane. *Une leçon de vie: les réflexions générales dans le théâtre de Sophocle*. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

entrever no debate entre as irmãs Electra e Crisótemis, no terceiro episódio (vv.871-1057), da tragédia *Electra* de Sófocles.⁵

O episódio é composto de uma única cena, cuja cena compreende duas partes (871-937 e 938-1057). A segunda parte, por causa da intervenção do Coro, dividimos, para efeito de análise em duas partes, desse modo, consideramos o debate entre Crisótemis e Electra como sendo dividido em três partes (871-937; 938-989 e 990-1057). O episódio trata de um aspecto relevante da tragédia, no que tange ao reconhecimento. No momento em que Electra chora o irmão morto, por ter recebido a notícia da morte de Orestes, Crisótemis aproxima-se trazendo notícias alvissareiras. A alegria de Crisótemis contrasta com o luto, agora mais recrudescente, de Electra. Impelida pelo prazer (ὕφ' ἠδονῆς, v.871) de ver a irmã aliviada dos males que a afligem, Crisótemis traz uma prova irrefutável do retorno de Orestes a Argos: um tufo de cabelo recém cortado (νεώρη βόστρυχον τετμημένον, v.901). Crisótemis conclui seu discurso (vv.915-19), tentando persuadir Electra a perceber o movimento do mundo. Introduz, assim, uma sentença que aponta para a finalização de qualquer mal tanto quanto de qualquer bem. Em outras palavras, reflete o luto excessivo no qual a irmã vive mergulhada, sem que contemple qualquer esperança de mudança, como sugere antes o verso 835, quando Electra se recusa a vislumbrar qualquer esperança em relação aos que já vivem no Hades.

Parece-nos que para Crisótemis, a prova concreta - o tufo de cabelo, supostamente de Orestes -, não é suficiente para convencer Electra, daí decorre a suspensão da ação dramática, permeando-a com referências extracênicas que permitem não apenas ao interlocutor dentro da cena, mas aos espectadores do teatro de Dioniso, refletir acerca do princípio que expressa não ser possível um

⁵ Para referências ao texto grego, usamos SOPHOCLES I. *Ajax. Electra. Oedipus Tyrannus*. Loeb Classical Library. Edited and translated by Hugh Lloyd-Jones. Harvard: Harvard University Press, 1994. Utilizamos, ainda, SOPHOCLES. *Electra*. Cambridge Greek and Latin Classics. Edited by J.H. Kells. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

mal ou um bem duradouro. À sentença “A fortuna não é sempre a mesma para os mesmos homens (vv.916-17)”,⁶ Crisótemis junta uma metalepse ao exprimir o divino adverso em que se encontravam e a alegria do presente que aponta para o início de uma grande prosperidade.

Electra, no entanto, não é alguém que se rege por máximas. As palavras de Crisótemis não são suficientes para convencê-la do contrário, tampouco a prova concreta simbolizada pelo cabelo de Orestes é um testemunho cabal da volta de Orestes. Electra desconstrói, assim, o argumento de Crisótemis, essa, por sua vez, mais afeita às palavras, convence-se das palavras da irmã.

Na segunda parte do debate, que compreende os versos 938-989, Electra é quem deve convencer Crisótemis a ajudá-la na empresa do assassinato de Clitemenstra e Egisto, uma vez que supõe Orestes morto. Em uma longa exposição (vv. 947-989), Electra toma o lugar de emissor do discurso e busca obter o apoio de Crisótemis. O verbo na segunda pessoa do imperativo ἄκουε (escuta) muda a direção do discurso. Ora, por um lado, enquanto Crisótemis chega trazendo notícias de Orestes e tentando convencer Electra com dados objetivos e com máximas que parecem não se aplicar à filha de Agamêmnon, por outro, Electra é assertiva e determinante no seu ato. Assim, sem amigos que possam ajudá-las e sem esperança, devido à morte de Orestes, o momento é de agir. Electra demonstra ainda mais segurança na sua ação ao explicitar para Crisótemis seu desejo de realizar (βεβούλευμαι τελεῖν, v.947) o assassinato da mãe e do seu amante.

Usando de um argumento que desconstrói as certezas da sua interlocutora, ao mesmo tempo em que esboça um quadro desolador para Crisótemis, restando-lhe apenas lamentos, privação de bens, espera pela velhice, falta de esposo e de núpcias e a ausência de filhos, Electra defende um modelo épico de

⁶ SÓFOCLES. *Tragédias do ciclo troiano: Ajax. Electra. Filoctetes*. Tradução de Pe. E. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1973. Ver página 99.

ação no qual a irmã obterá a glória e o reconhecimento dos seus pares e dos estrangeiros. À promessa de felicidade, Electra impinge, subliminarmente, o discurso que nega toda e qualquer fortuna, caso haja a recusa de Crisótemis.

Electra encerra o discurso com uma exortação à ação que trará glória e reconhecimento a quem presta um bom serviço em nome do pai, a quem socorre o irmão e põe fim aos males de um parente e ao seu próprio e, finalmente, introduz um argumento final fazendo com que sua interlocutora não se esqueça de que para a pessoa honrada é uma ignomínia viver ignominiosamente. O destinatário da sentença é Crisótemis, assim como pode ser todo e qualquer homem honrado que se envergonha de viver de maneira desonrada.

Se os argumentos utilizados por Crisótemis na primeira parte do discurso não foram hábeis para convencer Electra de que Orestes estava de volta, tampouco o discurso de Electra parece eficaz na tentativa de convencimento de Crisótemis. Como síntese aos dois discursos, na terceira parte (990-1057), há a intervenção do coro (990-91) que sobrevém logo após a máxima final de Electra. O coro comenta a ação advertindo de que a prudência (προμηθία, v.990) deve ser para quem fala (λέγοντι, v.991) e para quem escuta (κλύοντι, v.991).

O coro é a personagem que melhor compreende as duas máximas proferidas pelas irmãs. De um lado, Crisótemis denuncia a falta de prudência da irmã, essa, por outro lado, parece não entender a prudência daquela. Assim, se na primeira parte do discurso as irmãs parecem se aproximar, como bem assinala JOUANNA (2007, 563),⁷ tal aproximação é de “curta duração”. É na terceira parte que uma cena de *agón* entre as duas irmãs se impõe. Numa longa esticomitia, Crisótemis e Electra se debatem e disputam, cada uma por seu turno, a maneira reta de conduzir suas vidas entremeando acusações e preceitos que levam a uma vida possível. As duas irmãs, após a disputa, não chegam a

⁷ JOUANNA, Jacques. *Sophocle*. Rodesa: Fayard, 2007.

um acordo, não tendo vencedor nem vencido. As palavras finais de Electra soam ressentidas. Sua intransigência não permite seguir os conselhos da irmã, visto que seria uma loucura. Do lado de Crisótemis nenhum acerto é possível, uma vez que essa sabe estar com a razão. Apostando no futuro, Crisótemis espera, um dia, a aprovação do seu parecer por parte de Electra.

BIBLIOGRAFIA

CUNY, Diane. (2007) *Une leçon de vie: les réflexions générales dans le théâtre de Sophocle*. Paris: Les Belles Lettres.

HESÍODO. (1996) *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras.

HESÍODO. (2007) *Los trabajos y los días*. (Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm Mexicana) Introducción, versión rítmica y notas de Paola Vianello de Córdoba. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

JOUANNA, Jacques. (2007) *Sophocle*. Rodesa: Fayard.

SÓFOCLES. (1973) *Tragédias do ciclo troiano: Ajax. Electra. Filoctetes*. Tradução de Pe. E. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

SOPHOCLES I. (1994) *Ajax. Electra. Oedipus Tyrannus*. Loeb Classical Library. Edited and translated by Hugh Lloyd-Jones. Harvard: Harvard University Press.

SOPHOCLES. (1997) *Electra*. Cambridge Greek and Latin Classics. Edited by J.H. Kells. Cambridge: Cambridge University Press.